

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA AULA DE ARTES SOBRE TINTAS NATURAIS

Renan Uchôa Alves¹
Fábio Pereira Cerdara²
Elinete A. de Sá do Nascimento³

RESUMO

O uso de tintas naturais como material pedagógico é importante para abrir espaço para que, com esses instrumentos, o processo de ensino-aprendizagem associe-se à educação ambiental e promova um maior contato dos alunos com a natureza que os rodeia. A experiência aqui relatada teve como finalidade trabalhar esses temas em uma atividade pedagógica, resultante das experiências do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), subprojeto Arte, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O trabalho foi desenvolvido na disciplina de Artes, em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, durante o primeiro semestre de 2025, na Escola Municipal das Acácias, Itaguaí - RJ. O referencial teórico-metodológico pautou-se na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010), articulando os eixos da apreciação artística, contextualização e fazer artístico, e nos conceitos da transposição didática de Yves Chevallard (2013), visando reorganizar saberes teóricos para torná-los acessíveis e significativos no contexto escolar. Buscou-se criar um espaço para que o fazer artístico perpassasse o campo afetivo e criasse maior contato dos alunos com a temática da natureza. Utilizou-se como metodologia a pesquisa de campo, de natureza qualitativa e caráter exploratório, valendo-se de observações, registros fotográficos, análise de produções artísticas e debates. Os principais resultados evidenciaram o engajamento dos alunos nos momentos de apreciação e debate, bem como a conexão afetiva estabelecida com a natureza por meio do fazer artístico. O relato reforça a importância de mediar experiências de aprendizado que construam sentidos conectados às vivências na sala de aula e à natureza, contribuindo para uma formação sensível e crítica dos alunos.

Palavras-chave: Tintas Naturais, Abordagem Triangular, Transposição Didática, Ensino de Artes, Educação Ambiental.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Belas Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, renanuchoa.baufrj@gmail.com;

² Doutor em Letras, campo de Estudos de Linguagem, pela Universidade Federal Fluminense (2012), Professor Associado do Departamento de Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, fpcerdera@gmail.com;

³ Mestra em Patrimônio, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Professora Arte do Ensino Fundamental, Secretaria Municipal de Educação de Itaguaí - SMEDU; elineteantunes@gmail.com.



A utilização de pigmentos naturais na criação de tintas abre caminhos necessários para que a educação ambiental se faça presente em sala de aula, também agregada ao ensino de artes. A educação ambiental assume papel fundamental na formação integral do estudante, não só para fins de sustentabilidade, mas promove consciência e pensamento crítico quanto à relação que se estabelece com a natureza. Ailton Krenak (2020, p.57) diz em seu livro:

Outro dia fiz um comentário público de que a idéia de sustentabilidade era uma vaidade pessoal, e isso irritou muitas pessoas. Disseram que eu estava fazendo uma afirmação que desorganizava uma série de iniciativas que tinham como propósito educar as pessoas sobre o gesto excessivo de tudo. (...) Trata-se de uma provocação acerca do egoísmo: eu não vou me salvar sozinho de nada, estamos todos enrascados. E, quando eu percebo que sozinho não faço a diferença, me abro para outras perspectivas. (Krenak, 2020, p.57)

Compreendendo a arte como aliada da educação ambiental, este relato de experiência tem como objetivo compartilhar as possibilidades dessa prática pedagógica — neste caso aplicada em uma turma do ensino fundamental — quando focada na exploração da natureza através da linguagem visual e dos processos criativos, ainda considerando que essa experiência seja de aprendizado em coletivo. A proposta teve como base teórica a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, que integra os eixos do fazer artístico, da leitura de imagens e da contextualização histórico-cultural das produções artística e a Teoria da Transposição Didática de Yves Chevallard, que propõe adaptar o saber acadêmico em um formato acessível para o ensino em sala de aula.

A pesquisa apresentada teve finalidade de entender essas possibilidades pedagógicas a partir das experiências do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), subprojeto Arte, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Estas experiências foram desenvolvidas na disciplina de Artes, em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, durante o primeiro semestre de 2025, na Escola Municipal das Acáias, Itaguaí - RJ.

A metodologia usada na pesquisa é de natureza qualitativa e caráter exploratório, configurando-se como uma pesquisa de campo desenvolvida no ambiente escolar. Visando uma análise profunda, esse processo envolveu o registro da aula através de fotos e anotações, a observação das produções dos alunos e a análise interpretativa dos resultados.

Através de uma aula que trabalhe que o ser humano também é ser integrante da natureza e aborde que esse cuidado precisa ser coletivo, se promove um aprendizado significativo que incentive os discentes a valorizar o ecossistema que os rodeia. Justifica-se, então, ser necessário trabalhar essa temática sob o ponto de vista que a educação possa mudar



a relação que se tem com o mundo a nível pessoal e coletivo. Por isso, o trabalho parte da motivação de refletir abordagens que aproximem o ensino da arte e a educação-socioambiental do cotidiano dos alunos.

As discussões decorrentes da relação de ensino-aprendizagem evidenciaram a importância da transposição de conhecimentos que façam os alunos refletirem, da contextualização histórica, da compreensão do referencial de imagens e das produções artísticas. Os resultados mostraram o envolvimento dos estudantes durante os momentos de apreciação e discussão, além de conexão criada com a natureza por meio da prática artística. Observou-se que, ao trabalhar com tintas naturais, os alunos ampliaram suas formas de expressão a partir das experiências pessoais e coletivas.

Em síntese, este relato demonstra como a relação da arte-educação com a educação ambiental, fundamentada em uma abordagem teórico-metodológica sensível, pode contribuir para a formação estética e crítica dos estudantes. O trabalho reforça a relevância de trazer a natureza para dentro de sala de aula, para que seja possível experimentar, a interpretar e o dialogar entre saberes diversos. Destaca-se a necessidade de continuidade de pesquisas e práticas que integrem o fazer artístico à reflexão sobre a natureza.

METODOLOGIA

Para compreender o processo criativo dos alunos a partir da proposta de aproximação com o meio ambiente, a metodologia adotada consiste em uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo e caráter exploratório. Essa escolha metodológica criou os caminhos necessários para compreender de forma mais ampla a importância e impactos do uso das tintas naturais em uma aula de artes, levando em consideração a observação da experiência subjetiva dos alunos tendo contato com a natureza através da arte em um contexto escolar.

A pesquisa qualitativa deteve-se a interpretar e compreender a fundo o fenômeno do uso desse material didático no contexto escolar. Buscou-se entender a profundidade da experiência e motivação por trás das expressões e impressões dos alunos dentro de sua complexidade social, cultural e individual. Pelo caráter exploratório tem-se finalidade de levantar questões e investigações não partindo de uma hipótese prévia nem de definições conclusivas, mas valorizando o que pode ser pensado a partir da observação do tema. Através das observações do que se desenrolou contribui-se para a continuidade das pesquisas dentro dessa temática e para a melhora de futuras práticas pedagógicas.



Dentro do contexto do ensino básico, em uma turma do 9º ano, a atividade proposta foi a de produção de tintas usando pigmentos naturais e a de uma pintura livre com o produto final/feito por eles. Durante a aula, o pesquisador-professor atuou de forma participativa, observando e registrando ações, diálogos e produções dos alunos. A prática docente aqui comentada teve papel de mediar o contato dos alunos, tanto prático quanto teórico, com essa temática.

Para fomentar novas visões sobre educação ambiental criou-se espaço para que os discentes conhecessem as possibilidades de matizes e texturas dentro dos ecossistemas familiares ao território que os rodeia. Os registros fotográficos das atividades serviram como instrumento principal de coleta de dados, complementados por anotações em um diário de campo. A partir das análises feitas, foi possível refletir sobre a abrangência dos objetivos gerais e específicos estabelecidos, abordagens utilizadas e identificar a resposta à interação dos estudantes com cada material a depender de sua origem, cor ou textura.

Assim, a metodologia de pesquisa de campo qualitativa e exploratória contribuiu para a construção de um olhar sensível sobre a prática docente em Artes, permitindo analisar não apenas os resultados visíveis da aula, mas também as dinâmicas, afetos e aprendizagens que emergiram ao longo da experiência.

Devido ao caráter fluido e mutável do material didático proposto, a metodologia adotada se justifica por fazer compreender a experiência dentro de sua demanda ampla e sensível, além de incentivar a construção de um olhar sensível sobre o meio ambiente alinhado à prática docente. Contribuiu-se, então, para construir outros paradigmas tanto dos discentes quanto dos docentes envolvidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar a aula, foram utilizadas a Abordagem Triangular, proposta por Ana Mae Barbosa e a Teoria da Transposição Didática, proposta por Yves Chevallard.

A começar pela abordagem de Ana Mae Barbosa — primeiramente desenvolvida em 1987 e continuamente elaborada em livros até 2024 — que articula três eixos fundamentais: fazer artístico, apreciação da obra de arte e contextualização. As etapas citadas são dimensões do processo de aprendizagem na arte que se complementam para um ensino de artes que vá para além de problemas típicos conceituais do fazer artístico.





A Abordagem Triangular, lembra Maria das Vitorias Negreiros do Amaral (2010), que na década de 1980 era entendida como uma metodologia, sofreu uma revisão teórica, por haver um novo entendimento de que ali não cabia o rigor de uma metodologia, assim passou a ser conhecida como uma abordagem. Porém, ainda que Ana Mae Barbosa não entenda a Abordagem Triangular enquanto metodologia, é possível fazer uso dessa ferramenta pedagógica de forma a fundamentar metodologicamente a construção de uma aula, mesmo que de forma complementar. Portanto, a aula foi estruturada dentro dessa idéia de que se integre ao ensino de artes a prática criativa, a leitura crítica da produção artística e o conhecimento sobre os contextos históricos, sociais e culturais das obras. Azevedo (2010, p.104) explica que:

O sistema triangular articula o estudo sobre o universo da arte, as experiências vividas pelos estudantes/leitores em uma perspectiva política, logo as ações que a compõem - leitura da obra de arte/contextualização/fazer artístico - não podem ser vistos dissociados, como momentos estanques ou fragmentados. o sistema triangular, pelo fato de possibilitar acesso ao universo da Arte, como direito de todos, promove a emancipação e rompe com a "cultura do silêncio" denunciada por Paulo Freire. (Azevedo, 2010, p.104)

Na dimensão da contextualização se estabelece uma relação da arte com o tempo e o espaço, é onde o estudante comprehende as manifestações artísticas dentro de seus diversos recortes históricos e culturais. Durante esse momento na aula, antes de que se mostrasse imagens, uma pergunta motivadora foi utilizada para iniciar o debate: Qual momento histórico antigo que vocês podem dar como exemplo? A partir disso os alunos chegaram a alguns momentos como Revolução Francesa, Chegada dos Portugueses ao Brasil, Egito Antigo, até que chegaram à Idade da Pedra. Cada período desses citados foi o pontapé inicial para falar dos pintores que costumavam produzir suas próprias tintas, do pigmento azul utilizado no Egito, das artes rupestres, das artes dos povos indígenas que utilizam tintas naturais como saber ancestral até a atualidade.

Assim, pôde-se chegar a um lugar comum de que a produção de tintas e pigmentos utilizando matérias primas vindas da natureza estiveram presentes em diversos contextos, sejam eles históricos, sociais ou culturais.

Em um segundo momento, no eixo de leitura e apreciação, promoveu-se, para dar continuidade ao debate, uma reflexão dentro das referências mostradas. Entende-se que seja importante que em uma aula de artes os discentes possam ter livre acesso à imagens, para que, através da análise e interpretação eles possam ampliar sua iconografia. Por entender que o tema da aula perpassa não só por questões técnicas (como fazer) as imagens utilizadas respeitaram os caminhos históricos e culturais a serem explorados; as imagens levadas



incluíam artes do Egito com pigmento azul, artes rupestres, grafismos indígenas e murais feitos com tinta de terra.

Por fim, pretende-se que no fazer artístico se desenvolva a expressão a partir dos referenciais de imagem e debate. Os discentes foram convidados a experimentar os materiais e investigar técnicas para pintar com as tintas. Por mais que a atividade proposta fosse a de pintura livre, os alunos em sua maioria representaram objetos da natureza. A experiência mostrou que através de suas produções houve um real entendimento do tema abordado tanto pelo manuseio das tintas quanto pelas representações feitas.

No casamento da Abordagem Triangular fundamentando os pensamentos de educação ambiental, cria-se possibilidades de entrar em contato com o tema de forma profunda para criar noções de pertencimento à natureza. Azevedo (2010, p.99) enriquece o debate quando diz compreender,

(...) o universo da Arte não apenas como vital à elaboração de leituras de mundo mais amplas e complexas, mas que isso: leituras de mundo vitais a composição das diversas identidades que se inter-relacionam no espaço da escola por meio de suas culturas, o que envolve relações de saberes e poderes. (Azevedo, 2010, p.99)

A utilização da Abordagem Triangular se justifica por permitir que a aula não se atenha puramente à técnica e criar diálogo entre os diferentes saberes que mediados trabalham para construir uma experiência estética.

Não menos importante, a teoria da Transposição Didática, proposta por Yves Chevallard, foi utilizado como segundo referencial teórico por compreender que o conhecimento científico possa ser transformado em um saber a ser ensinado dentro do contexto escolar. “A transição do conhecimento considerado como uma ferramenta a ser posto em prática, para o conhecimento como algo a ser ensinado e aprendido é precisamente o que tenho chamado de *transposição didática* do conhecimento.” Chevallard (1988, pag.9).

A partir dessa teoria foi proposto um percurso que conecte e transforme o saber científico em um saber escolar, onde o professor desempenha papel de mediador dentro dessa relação didática. No contexto do ensino da Arte essa teoria se justifica por se integrar bem à Abordagem de Ana Mae por contribuir com o entendimento de que usar imagens e incentivar processos de criação artística também são formas de transpor um conhecimento. Yves Chevallard (1988, p.7) diz que,

O mero encontro de quem sabe com quem não sabe não é, portanto, característica da relação didática. O que realmente distingue a relação didática das outras relações ternárias nas quais algum corpo de conhecimento está envolvido, é algo ainda a ser postulado. É a *intenção didática*, ou seja, a intenção de ensinar. Um dos dois

protagonistas deve ter a intenção de ensinar o outro, e de ensinar-lhe *alguma coisa* (...). (Chevallard, 1988, p.7)

A Teoria da Transposição Didática usada como referencial permitiu pensar uma relação de ensino onde se entenda o protagonismo das duas partes da relação didática (de quem ensina e quem aprende). Buscou-se transformar o conteúdo de criação de tintas — como extração dos pigmentos e confecção da tinta — em experiências acessíveis ao propor um primeiro contato através dos sentidos. Desta forma, ao ver cor, sentir a textura e cheiro, os alunos puderam descobrir empiricamente de onde vem cada pigmento.

O processo de transpor esse saber também incluiu a seleção das referências visuais, a adaptação de atividades e linguagem levando em conta a faixa etária da turma e relacionar o tema das tintas naturais ao território dos alunos. Ainda assim, nesse processo se reconhece a agência do discente na aula ao expandir o que está sendo transposto a novos horizontes. É importante destacar que: “(...) em uma análise mais aprofundada do processo didático, torna-se evidente — e isso prova-se essencial — que o aluno aprende muitas coisas que não foram explicitamente ensinadas a ele. Por estas razões, o ensino não pode ser efetivamente separado da aprendizagem.” (Chevallard, 2013, p.8)

Assim, a teoria de Chevallard foi trabalhada não como uma simplificação do saber artístico-científico, mas como um processo de transformação desses saberes à auxiliar a formação dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aula foi feita utilizando a quadra da escola e os alunos foram orientados a ficar em roda para debater a partir das imagens levadas e também para que eles pudessem utilizar os materiais de confecção da tinta (que estavam no centro da roda) de forma mais livre. Eles puderam pegar as imagens e olhar de perto e ficar com elas para usar de referência caso quisessem.

Através da aula de artes foi possível observar o envolvimento dos alunos ao usarem o repertório prévio do que foi visto em outras aulas e também do conhecimento popular. Os discentes intercambiaram idéias de áreas diferentes para contribuir com a discussão. Fizeram inferência de momentos históricos entendendo que o uso de pigmentos, sejam orgânicos (folhas, sementes, raízes, cascas) ou inorgânicos (terra) estiveram e ainda estão presentes em diversas sociedades. Também usaram de seu repertório cotidiano ao identificar a cor extraída de materiais usados para cozinhar, como por exemplo, urucum, açafrão, beterraba ou amora.



No decorrer das atividades os exercícios e discussões propostos foram bem recebidos pelos alunos que despertaram curiosidade científica ao expressar outros exemplos e possibilidades que não foram apresentadas. Demonstraram pensar para fora dos moldes propostos dentro da aula ao sugerir suportes diferentes para pintar com as tintas, como por exemplo, suportes maiores para fazer uma pintura em grupo ou pintura corporal.

Figura 2: Pintura Corporal



Fonte: Própria

Figura 1: Motivos Coloridos



Fonte: Própria

Ademais foi compreendido que o foco não estava em um resultado estético específico, mas sim no que poderia surgir a partir da relação subjetiva que tiveram com os materiais. Essa proposta de experimentar os materiais com suas possibilidades reforça a importância de metodologias que andem lado a lado com a idéia de que não apenas o produto final seja importante mas que a forma com que cada um é atravessado durante o percurso também seja válida.

Figura 3: Flores Coloridas



Fonte: Própria

Figura 4: Motivos com tons terrosos



Fonte: Própria

Desta forma foi possível perceber que o fazer artístico engajou os alunos a dialogar com as reflexões feitas e que as ~~experiências~~ ^{experiências e reflexões} de cada aluno (usando suas próprias referências e as mostradas em aula) corroboraram para criar produções variadas.

É relevante destacar que houve uma troca entre os estudantes. Ao compartilhar idéias entre si, os estudantes tiveram espaço para mediar esse conhecimento em coletivo. Esse momento de socialização destacou a capacidade de integrar a prática artística à consciência ambiental, compreender os conhecimentos abordados e desenvolver outros conhecimentos empíricos a partir da relação pessoal com os pigmentos.

Figura 5: Montanha e céu noturno



Fonte: Própria

Sob um olhar pedagógico a aula ilustra um cenário possível onde arte-educação e educação ambiental andam juntos de forma contextualizada e que dialogue com o território e vivências dos alunos, especialmente quando o professor atua como mediador nesse processo para incentivar autonomia artística e pensamento crítico.

Analizando a proposta, os resultados indicam que os objetivos estabelecidos se justificam e foram alcançado, posto que de forma geral foi possível estimular a expressão criativa dos estudantes, e de forma mais específica, conscientizar sobre o fazer artístico integrado a natureza, entender a origem dos pigmentos, tal como observar e experimentar a produção de tintas naturais.

Por fim, através dessa experiência educativa o ensino de artes se revela um grande aliado às causas ambientais, por proporcionar momentos de conexão com a natureza, reforçar imaginários positivos e construir memórias afetivas com esses objetos de origem natural. A aula favoreceu não só um desenvolvimento técnico, mas de sensibilidade e pensamento crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





A experiência relatada evidencia que o ensino de Artes integrado à práticas ambientais, quando fundamentado em abordagens e teorias que integram a transformação desse conhecimento através da criação artística, contribui de forma significativa para o desenvolvimento sensível, crítico e criativo dos estudantes. As conclusões desta pesquisa apontam que ao ser trabalhar linguagens e conhecimentos artísticos associados à natureza, a capacidade dos alunos de interpretar a cultura, expressar-se e dialogar com a biodiversidade de seus territórios. O uso da Abordagem Triangular e Transposição Didática, articularam processos mais completos de ensino artístico e tornaram o conhecimento das tintas naturais acessível aos alunos.

A análise dos resultados permite afirmar que a educação ambiental no ensino de Artes deve ser compreendida como campo de investigação constante, capaz de gerar saberes relevantes não apenas para o contexto escolar, mas também para o campo científico. A aplicação empírica dessa experiência demonstra o potencial de pesquisa no campo da arte, evidenciando como práticas docentes podem ser fontes de produção de conhecimento. Desta forma, o relato não apenas documenta essa experiência, mas também contribui para o debate sobre meio ambiente e formas de integrar a natureza ao ensino.

Considera-se ainda, a necessidade de expandir os estudos voltados à educação ambiental e à didática da arte. Pesquisas futuras podem aprofundar como seria possível utilizar tintas naturais em outros espaços educativos, formais ou informais, e abrangendo outras faixas etárias. Assim, o presente relato abre caminhos para um diálogo entre arte e natureza, reafirmando que a educação é indispensável na construção mais sensível e crítica dos alunos.

“Pois a criação do mundo não foi um evento como o BigBang, mas é algo que acontece a cada momento aqui e agora. (...) Somos microcosmos do organismo Terra, só precisamos nos lembrar disso.” (KRENAK, 2020, p.37).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me permitir trilhar esse caminho de crescimento pessoal e profissional.

Agradeço ao meu pai que, me ensinou a respeitar a natureza e nunca desistir, e a minha mãe que, me ensinou que objetivos podem ser alcançados com esforço e dedicação.





Agradeço aos amigos Carine Rodrigues, Robert Larrik e Janine Alves Ferreira, que fizeram esse processo ser mais leve.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradecemos à CAPES pelo indispensável apoio financeiro ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que viabilizou a realização deste projeto. Nossos agradecimentos estendem-se também ao ENALIC pela oportunidade de apresentar e discutir nossa pesquisa em um espaço acadêmico tão enriquecedor.

Por fim agradeço aqueles que foram as responsáveis pelo auxílio na pesquisa e que sem suas presenças não seria possível desenvolver este trabalho. Agradeço ao meu orientador professor Dr Fabio Pereira Cerdara, que com clareza me orientou nesse processo. Agradeço à minha supervisora do PIBID, professora Elinete A. de Sá do Nascimento, pelo apoio teórico e didático.

Sem essas pessoas este resultado não seria o mesmo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria das V. N do A. Os Instantes-Já da Abordagem Triangular na Arte/Educação. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda P.(Org.).**A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: CORTEZ EDITORA, 2010. p. 174.

AZEVEDO, Fernando A. G. Abordagem Triangular: Bússola para os Navegantes Destemidos dos Mares da Arte/Educação. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda P.(Org.).**A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: CORTEZ EDITORA, 2010. p. 99 e 104.

CHEVALLARD, Yves. **Sobre a teoria da transposição didática: algumas considerações introdutórias**. Revista de Educação, Ciências e Matemática, v. 3, n. 2, p. 1–14, mai./ago. 2013. Tradução de Cleonice Puggian.

KRENAK, Ailton. A Máquina de Fazer Coisas. In: KRENAK, Ailton. **A Vida Não é Útil**. São Paulo: EDITORA SCHUAR CZ S.A. 2020. p. 37e 57.